

MEMÓRIAS ENTRELAÇADAS: DO INDIVÍDUO AO COLETIVO NAS NARRATIVAS DOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA NA PEDREIRA DO CERRO DO ESTADO

GLADIS REJANE MORAN FERREIRA¹
CARLA RODRIGUES GASTAUD²

Universidade Federal de Pelotas – gladisbiblio@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas – crqastaud@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, que é parte da tese de doutoramento em andamento no PPGMP/UFPEL, tem por objetivo apresentar algumas reflexões sobre a memória suscitadas pelas narrativas dos últimos dez operários da Pedreira do Cerro do Estado. Aqui, serão destacadas partes destas narrativas a fim de exemplificar a memória coletiva.

A Pedreira do Cerro do Estado começou a ser constituída a partir do início do processo de extração do granito - instaurado pela *Compagnie Française du Port* do Rio Grande do Sul, na primeira década do século XX - com a finalidade de construir os Molhes da Barra³ nas cidades do Rio Grande e São José do Norte.

Os narradores são trabalhadores anônimos, que não tem seus nomes destacados na história oficial da Pedreira do Cerro do Estado e do Porto do Rio Grande, aqui se lança um olhar para suas memórias em busca do passado do lugar, pois juntamente com outros tantos operários, que os antecederam, guardam técnicas e rotinas de trabalho que mantém a memória coletiva deste grupo. Suas vozes, pouco ouvidas na história, foram ouvidas nas narrativas.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado tomando como base a memória individual, a memória herdada e a memória coletiva e identificando estas memórias em cada narrativa. Como métodos de estudo foram utilizados a “História Oral”, que deu embasamento para as entrevistas e o “Paradigma Indiciário”, onde investiguei pistas e sinais que possibilitaram minhas reflexões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Existe uma complexidade sobre a memória, pois ela é composta de atos e de narrativas, de emoções e de gestos, mas sobretudo de recordações e de esquecimentos. As lembranças se relacionam com emoções e afetos de quem lembra. O passado que se lembra e se esquece é ativado no presente em função

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural/UFPEL

² Doutora/ Orientadora no Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural/UFPEL.

³ São terminações de pedras que avançam mar adentro para dar segurança à navegação marítima para entrar no canal de acesso ao Porto do Rio Grande.

de expectativas futuras, para a preservação. A memória pode ser sentida de forma consciente, como a memória individual de quem lembra de forma singular o que aconteceu no passado, o que foi vivido pelo indivíduo, onde cada um lembra de uma forma e existe uma história para cada narrativa.

Mas as lembranças também podem se manifestar de forma inconsciente, por padrões de comportamento, por sentimentos, emoções e saberes que são transmitidos nas interações de um grupo, de um sujeito a outro, na vivência compartilhada, no que eles sentiram e guardaram das histórias que ouviram, que são memórias herdadas de outros a si. Na Pedreira do Cerro do Estado este compartilhamento da memória se deu no convívio do trabalho e pelas heranças familiares uma vez que a maioria dos entrevistados são filhos, netos ou possuem outro vínculo familiar com trabalhadores da pedreira. Eles lembram o que não viveram mas incorporaram nas suas recordações

O compartilhamento da memória, através do lembranças e das recordações resulta na memória coletiva, aquela que paira na memória do grupo, pois é o resultado de suas interações sociais, para “construir uma história compartilhada, uma história comum” (PORTELLI, 2010, p. 2)

Três, dos dez operários ouvidos para a tese, iniciaram seu trabalho na Pedreira na década de 50 e são remanescentes da segunda geração de trabalhadores, que em 1945 era composta por 94 operários. Um deles é filho de um antigo guindasteiro e aprendeu o ofício de operar o guindaste com seu pai. Os sete funcionários restantes, e igualmente ouvidos nas narrativas, ingressaram no trabalho na década de 80 e fazem parte da terceira e última geração de operários que no momento do ingresso ao trabalho perfaziam 44 operários. Os dez trabalhadores são de responsabilidade do Porto do Rio Grande e do Estado do Rio Grande do Sul, que, a partir de 1919 assumiu quando a Companhia Francesa se retirou do lugar deixando equipamentos, feitos e o “saber fazer”, herdados por três gerações de operários.

O primeiro entrevistado foi o senhor Heitor, que no momento da entrevista tinha 85 anos de idade e é nascido na Pedreira do Cerro do Estado, numa família de trabalhadores do lugar. Seu Heitor começou sua fala contando que seguiu a profissão do pai, que também era guindasteiro. Além da memória individual do trabalho diário ele herdou a memória passada por seu pai, pois foi quem lhe ensinou o ofício de manobrar o guindaste para segurar as pedras. Contou que iniciou o trabalho na pedreira ainda menino, aos 14 anos, ligando a ao guindaste elétrico e passou por outros ofícios até se aposentar como maquinista de locomotiva. Iniciou conduzindo as locomotivas a carvão, conhecidas como “Maria Fumaça” que foram trazidas pela companhia francesa no início do século XX e depois sucedidas pelas locomotivas a diesel. Seu Heitor iniciou sua narrativa contando:

Nasci no hospital em Pelotas, mas meus pais moravam na Pedreira. Meu pai trabalhava na pedreira. Meu pai trabalhava nos guindastes, nos mesmos que eu trabalhei depois. Meu pai me ensinou a trabalhar no guindaste.

Eu comecei como aprendiz, com 14 anos de idade eu ligava a corda elétrica dos guindastes, depois passei a trabalhar nos guindastes. Trabalhava ligando a corda e quando dava uma folguinha entrava no guindaste pra aprender a trabalhar nele. Não me deixavam entrar era tudo escondido né? Eu era uma criança e o trabalho era muito perigoso.

Depois trabalhei nos guindastes trazidos pela companhia francesa e depois comecei a trabalhar numa máquina a

carvão, uma Kraft a fogo, que andava nos trilhos e depois mais tarde passei a trabalhar na locomotiva. A máquina Kraft e a locomotiva também eram as máquinas dos franceses. (Entrevista do Sr. Heitor Vieira da Fonseca, concedida no dia 05/04/2022).

O segundo entrevistado, o senhor Lauro, com 89 anos de idade contou que foi maquinista de trem na pedreira e que é natural de Arroio Grande. Lembrou que quando jovem trabalhava no campo com a família e que ouvia de longe o apito do trem, sem saber o que seria e que ao completar maior idade foi para cidade servir ao exército, quando conheceu o trem. Contou que aos 19 anos, ao chegar na pedreira já tinha experiência em conduzir o trem, pois havia trabalhado por pouco tempo na Rede Ferroviária Federal, então, devido a sua experiência e a necessidade de ter outro maquinista na pedreira ele foi contratado, mas relatou que no início também trabalhou como guindasteiro.

Comecei a trabalhar no DEPREC com 19 anos em dois guindastes elétricos. Quando tinha trem para o Rio Grande pros Molhes lá passava dos guindastes pras máquinas (locomotivas) aí nós levava os trens. Depois só fiquei de maquinista. Aí tinha outra pessoa que trabalhava nos guindastes, o Heitor Fonseca.

Quando comecei levei as locomotivas a carvão, as Maria Fumaça, e depois passei para as locomotivas a diesel. As locomotivas a diesel, as Toshiba, chegaram aqui nos anos 80.

Os blocos de pedras eram carregados nas plataformas com o Kraft aqui... nas plataformas que tinha. (Entrevista do Sr. Lauro Gonçalves, concedida em 05/04/2022).

O terceiro entrevistado, o Senhor Nedi, com 86 anos de idade. contou que é natural de Piratini e chegou em Capão do Leão com dois anos de idade quando seu pai veio trabalhar em outra pedreira da região⁴.

Aqui é cheio de pedreira, tem outra até hoje. Eu ainda vou voltar lá no lugar que eu morava com meus pais e que me criei era um rancho de palha. Tem uns pés de palha de Santa Fé, no rancho, lá adiante tinha um poço que tava sempre cheio d'água, lavavam roupa e tudo mais. Eu jogava bola com meus vizinhos.

Comecei a trabalhar na pedreira no ano de 1958, no tempo de DEPREC. O turno de trabalho era das 7:30 às 11:30 e das 13:30 às 17:00 e era tudo direitinho, tinha folga, tinha férias. Quando eu comecei na pedreira eu fui cortar pedra, porque eles tavam precisando de pessoas pra cortar pedra, pra fazer Moellon pra levar pro Saco da Mangueira, lá onde tem aquela ponte, lá em Rio Grande e depois foi os blocos, blocos de oito toneladas, sete, pra largar na beira da praia, pra não deixar a água tomar conta, né, lá nos molhes. O trem chegava lá, encostava ali e o guincho tirava e colocava na

⁴ O pai do seu Nedi trabalhou na Pedreira do Cerro das Almas.

água, pra conservar os molhes, quando precisava ser reformado.

(Entrevista do Sr. Nedi, concedida em 20 de junho de 2023).

4. CONCLUSÕES

Uma parte da história da Pedreira do Cerro do Estado se perdeu, outra parte corre o risco de cair no esquecimento o que me fez refletir e registrar as histórias narradas, aquelas ausentes dos documentos e da história oficial da Pedreira do Cerro do Estado e do Porto do Rio Grande. Estes operários, homens simples que além de suas memórias representam as dos demais, simbolizam a memória daqueles que cortaram e dinamitaram as pedras, que as acomodaram com guindastes até o trem, que conduziram as locomotivas até a cidade do Rio Grande e que fizeram o tranbordo para a cidade de São José do Norte, e, por fim, retratam aqueles que construíram os Molhes da Barra em ambas as cidade. Estas memórias traduzem os trabalhadores de outros tempos que perderam suas vidas, nas explosões e acidentes na pedreira, com máquinas e com a queda de pedras, durante a extração do granito para a construção de ambos os molhes.

Ouvir estes operários fortalece o sentimento de permanência da memória coletiva daquele grupo que se constituiu a mais de um século e que herdou o saber fazer que originou uma sequência de técnica de trabalho transmitido por gerações. Este grupo também foi o marco para fortalecer a comunidade do lugar Capão do Leão, até então, distrito da cidade de Pelotas a se emancipar, o que certamente também colabora para o enriquecimento da memória desta cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiros, 1979.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

ERRANTE, Atonielle. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. *In: História da Educação*. ASPHE/FaE/UFPEL. Pelotas, 8, p. 141-174, set. 2000.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Espanã: Siglo Veintiuno editores, 2001. Cap.II.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. **Entrevista narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LIMA, Roberto. **Três nós na memória: narrativas Robeirinhas no Vale do São Francisco**

MEIHY, José Carlos Sebe B.; SEAWEIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2020.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. *In: Mnemosine*. 2010, v.6,p 2-1.